
Acto Falho é um informativo mensal produzido pelos alunos que participam da comissão de Publicação do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. A comissão editorial e equipe de produção é composta por Monica Salgado, Marília Stabile, Vera Vassilieff, Ilka Nakamura, Luciana Solano, Isabel Cristina Proença Gil e Veridiana Carvalho. Se você quiser mandar artigos, sugestões, fazer comentários ou tiver problemas no recebimento do informativo eletrônico mande seu e-mail para actofalho@sedes.org.br

EDITORIAL

Aqui estamos de novo. Será?

Será que somos os mesmos? Pensamos que em alguns aspectos talvez. Na vontade, na garra e também na coragem de mudarmos até o formato e a mídia. Mas vejam bem, a Internet é só um veículo. Ágil e menos trabalhoso, custeado pelo próprio Sedes. Nesse aspecto, o Acto Falho faz o seu re-início. Vamos lá gente! Se for preciso, no início, imprimam e leiam porque estamos aqui com a maior vontade e a maior garra. Também sentimos isso em relação aos nossos primeiros colaboradores (Esio, Zé Carlos, Ede, Lígia, Plínio do CPD e toda a equipe envolvida). Todos com muita vontade de escrever e de trocar. É esse o convite a todos. Trocar idéias, palavras, textos, opiniões. A proposta é que o Acto Falho, mensal, traga um assunto a mais para trocarmos no cafezinho do nosso Sedes.

A psicanálise escuta a literatura

POR LÍGIA VALDES GOMEZ

... para voltar à infância, os poetas precisariam também reaprender a errar a língua. (Manoel de Barros).

Em dias de globalização, assistimos à crescente alienação do sujeito, cada vez mais distanciado de valores e práticas éticas fundamentais. Os discursos no contexto da sociedade atual, acabam por fixar a violência e a banalização dos costumes ao determinarem novas formas de subjetivação, que tratam seus sujeitos como objeto. São modelos que priorizam o sentido, como se o significado e a imagem, pudessem completar o sujeito, mascarando a falta que lhe é constituinte, ou ainda, idealizando o Outro como o detentor de todos os bens possíveis, e que tem a função de completá-lo. O sujeito como Narciso, fica preso a uma imagem ilusória de si mesmo. Essa imagem de completude, dá a falsa sensação de um lugar seguro, tranqüilo, a ser conquistado, como o ideal do sujeito.

O saber, o amor e o poder são ofertados como se fossem mercadorias de consumo, como bens supremos. Manufaturados e embalados para presente, essas mercadorias ocupam o lugar da falta, por fabricarem sentidos, que espelham e explicam o sujeito. As idéias na cultura se organizam em torno desses objetos paradisíacos: o Amor absoluto, o Bem Universal, a Sociedade Suprema. Mercadorias - idealizadas que embora parecem oferecer segurança, não dão garantias básicas de vida humana, porque são condições que tem como função apagar contradições, eliminar tensões e evitar confrontos; banalizando a violência e a destruição do cotidiano.

A ilusão de completude oferecida como verdade, fica revestida de permanência e é ofertada como realidade eterna. Vivemos o encantamento do sentido em excesso, dando a ilusão de que tudo pode ser explicado, esgotado e esfacelado.

A Psicanálise tem se debruçado cada vez mais sobre a análise desse contexto, tendo em vista a reflexão do sujeito que é

constituído nesses discursos, ao tratar do sujeito do inconsciente- cindido, heterogêneo e singular. Lacan amplia e aprofunda essas contribuições, com a afirmação de que no inconsciente como linguagem, há sempre algo que vaza, aquilo que permanece enigma, o não sabido.

São essas duas afirmações que nos interessam: A singularidade considerada como unidade de trabalho e, o não sabido, como fonte permanente de interrogação do sujeito, gerando estímulo para a reflexão. Podemos assim articular a Psicanálise e a Literatura, tendo como intersecção, o ato de pensar do sujeito naquilo que não lhe é sabido, e na sua posição única e singular.

Renato Mezan ao se referir à insatisfação com o não sabido, aproxima a Psicanálise da Arte.

...a psicanálise apresenta algumas características que a aparentam a uma ciência, tais como a cumulatividade e a comunicabilidade dos conhecimentos, embora por outros aspectos - especialmente o do fazer psicanalítico, o da prática terapêutica - ela se aparenta às artes... a pesquisa em psicanálise nasce precisamente dessa insatisfação com o não sabido. (Psicanálise e pós graduação, texto não publicado)

A sutileza do ato analítico ou de outro ato em que a investigação do inconsciente esteja presente, liga-se à singularidade do sujeito e não à universalidade dos fatos; e essa é uma das razões pelas quais a psicanálise não pode ser confundida com o ato médico e se afasta das ciências positivistas e, a literatura, pode ser abordada como um texto em permanente construção, como veremos a seguir.

Tradicionalmente na clínica psicanalítica, o sujeito ao falar por associação livre, leva o analista, ao lidar com a resistência e a transferência, a detectar as formações do inconsciente (sonhos, sintomas, atos falhos e chistes) do paciente, realizando o tratamento.

A resistência de recordar-se do material reprimido, se dá, porque o sujeito resiste à lembrança, resiste em saber da sua castração, da falta que lhe constitui. Sabemos que todo sujeito ao passar pela castração, deve deixar de ser o objeto fálico da mãe, o objeto primordial do desejo do Outro, para vir a ser um sujeito marcado pela falta. Todos os sujeitos passam a vida tentando recuperar o que está faltando, aquilo que está perdido para sempre e que é gênese do desejo. O sujeito ao resistir em saber, ao invés de conceber-se com falta, prefere saber-se completo, coloca-se como objeto de desejo do Outro, mantendo-se um sujeito alienado do saber de si.

Na clínica psicanalítica atual, temos observado que os pacientes, no árduo trabalho de análise, passam por momentos de angústia, de estranhamento, em que experimentam coisas que não conseguem nomear. Marcadamente trazem em si a situação da cultura. Vivem momentos de angústia, silenciosa, excessiva, traumática que transborda e, faz com que tudo permaneça sempre igual e desconhecido.

Nós analistas escutamos e esperamos, sem uma leitura prévia, sem antecipar o saber (na melhor das hipóteses), a expressão desses estados dos analisandos. São momentos que merecem vir à tona, sem qualquer gesto precipitado do analista, sem serem encaixados em pré-concepções científicas, que misturam os sujeitos aos modelos, ao designá-los iguais sem singularidade.

Preparar o campo analítico para o questionamento, para o pensar é trabalho longo. Se considerarmos o saber, como um ato de reflexão, de exigência de trabalho, que transforma, leva à transgressão da ordem instituída, e organiza o sujeito como singular.

O espaço analítico então, pode se configurar como um espaço da diferença, de ruptura das relações tendentes ao homogêneo, onde o heterogêneo pode e deve emergir. São movimentos em que a diferença ao ser soberana, permite que o novo, o original

possa se processar.

Os acontecimentos então, apontam para um trânsito que vai da unidade para o caótico, que vai da organização para a confusão. São movimentos que, longe de acirrar dicotomias, aceleram suas implosões. Os processos do sujeito se engendram nesse trânsito, entre traços cristalizados do sujeito, para um vir a ser em que ocorre a tensão, o estranhamento e a idéia de inacabamento.

As palavras não são mais veículos de comunicação, e sim, uma forma de transmissão entre sujeitos. Aí o que se transmite não são saberes absolutos e verdades universais iguais à todos, e sim, saberes que vão sendo construídos pelas subjetividades dos sujeitos, vão sendo tecidos na história pessoal de cada um.

Podemos observar esses estados comumente descritos pela psicanálise, também na literatura e, em particular, na poesia. Cabe ao analista como diria o poeta Manoel de Barros, saber escovar as palavras.

Mas, e no contexto da literatura?

Bellemin-Noël no livro *Psicanálise e Literatura*, articula o inconsciente com a literatura: Inconsciente é o fato de que nós estamos condenados a repetir um passado do qual nos lembramos e a tomar como lembranças aquilo que jamais se repetirá sob sua forma primeira.

A Literatura é o conjunto dos escritos explicitamente alinhados sob o signo da ficção (à margem do técnico e do didático), que reelaboram esse passado fremente de verdade secreta e que se acham submetidos de maneira direta à lei de seu desconhecimento. Ler a ficção com os olhos da Psicanálise permite ao mesmo tempo oferecer aos textos uma outra dimensão e observar a escritura na sua gênese e no seu funcionamento”. A atividade literária ganha com isso um regime de sentido suplementar, além de ser reconhecida como subversiva enquanto trabalho do Outro. As estruturas universais e a inefável singularidade do sujeito humano talvez se encontrem, assim apreciadas com mais justeza, logo com mais justiça.

O texto instaura um espaço de tensão ao leitor, em que pode predominar tanto um fascínio como uma perturbação. O leitor cria uma certa intimidade com o autor do texto, à medida em que o texto pode disparar o seu desejo, como possibilidade de reflexão e transformação de si. O que permite essa movimentação do desejo, é quando pode haver uma maneira singular de ler, transformando este ato, em trabalho, exigência do pensar, do questionar, do por em dúvida.

Há duas vertentes que podem ser tratadas na análise da literatura: a dos significantes que remetem ao significado único, em que as palavras cristalizam-se no sentido ou na verdade absoluta e, a outra que é aquela em que o significante passa a ter várias possibilidades de significação. Pode-se dizer que a articulação de significantes vai formando uma rica tessitura, por entre metáforas e metonímias, (condensações e deslocamentos para Freud) que anunciam as posições do sujeito nas leituras que fazem dos textos.

Podemos dizer também, que as formas de leitura, são determinadas pela cultura e é por isso que cabe ao sujeito ir se descolando dessas maneiras ditadas pela cultura, para determinar-se pelo seu desejo.

Para Barthes é impossível fazer uma leitura completamente objetiva do texto. O texto não existe por si só.

O conceito de texto ou escritura em Barthes, atesta nossas afirmações:

Texto quer dizer tecido; mas, enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu acabado, por detrás do qual se conserva, mais ou menos escondido, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a idéia generativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido - nessa textura – o sujeito desfaz-se, como uma aranha que se dissolvesse a si própria nas secreções construtivas da sua teia. Se gostássemos de neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (hyphos é o tecido e a teia de aranha) (O Prazer do Texto).

A idéia aqui, é de que o texto é um tecido vivo que permanece se tecendo, se construindo, pelo desejo, pelo prazer do texto. Tessitura tramada pelos conceitos da psicanálise e da literatura, que permite trabalharmos não só com o sentido do texto, mas com o que surge de novo e desconhecido, que embora seja disparado pelo texto é determinado pelo sujeito que lê.

O leitor se aproxima do texto, pelos efeitos que este provoca nele, fazendo-o pensar e continuar pensando, ao gerarem trabalho, no sentido da evocação, do (de)ciframento que um texto requer. Além da compreensão das imagens, fantasias e símbolos que organizam texto e leitor, pode haver também, a compreensão dos momentos em que o saber não se elabora por resistências, bloqueios, ignorância e gozos. É a partir dessas evidências para o leitor, que pode ocorrer a sua transformação, uma vez que toda resistência implica num trabalho de elaboração.

O fio condutor que une o leitor ao texto pode ser a experimentação de um estado, em que as frases perdem sua linearidade e podem se articular como num jogo, mostrando que a leitura é uma estrutura aberta e múltipla. O que salta aos olhos do leitor é a estrutura do texto, como tecido.

No livro A Aula, Barthes considera a língua como expressão máxima do poder.

A língua pela sua estrutura implica uma relação fatal de alienação”(...) Falar (...) não é comunicar, como se repete com demasiada freqüência, é sujeitar: toda a língua é uma reição generalizada .

A língua humana é um lugar fechado, em que servidão e poder acontecem. A liberdade só pode existir fora da linguagem de significado cristalizado, fossilizado.

Uma das saídas, para R. Barthes, é poder trapacear, perverter, transformar a linguagem pela literatura, porque é função da literatura propor a subversão, a ruptura do sentido.

Barthes aproxima a literatura ao seu conceito de texto.

Literatura é a prática de escrever. (...) O texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro: posso portanto dizer, indiferente: literatura, escritura, ou texto .

Seguindo o rastro do autor, seja literatura, escritura, ou texto, tem que ter a verdade do desejo como possibilidade de subverter a linguagem:

O desejo é mais forte do que sua interpretação.

Passamos por fim à reflexão do conto de Clarice Lispector - A menor mulher do mundo, em Laços de família, que constitui uma análise eficiente sobre os processos de constituição do sujeito em nossa sociedade atual:

A história é construída em torno da imagem da menor mulher do mundo e do cientista Marcel Pretre.

.... e como uma caixa dentro de uma caixa, dentro de uma caixa- entre os menores pigmeus do mundo estava o menor dos pigmeus do mundo, obedecendo talvez à necessidade que às vezes a Natureza tem de exceder a si própria.

...Marcel Pretre defrontou-se com uma mulher de quarenta e cinco centímetros, madura, negra, calada. “Escura como um macaco”... No decorrer da narrativa, essa mulher do coração da África, do bando dos Likoualas, encontrada pelo explorador, representante das ciências, que a cobiça como uma grande descoberta.

... Foi então que o explorador disse, timidamente e com uma delicadeza de sentimentos de que sua esposa jamais o julgaria capaz: -Você é Pequena Flor.

O explorador a trata com uma delicadeza de sentimentos porque ela é vista como um objeto de ciência de valor inestimável. Pretre tem na ânsia de poder o fundamento dos seus sentimentos. Já Pequena Flor tem como preocupação de vida não ser comida.

No Congo central os pigmeus também são caça para seus iguais.

O grande risco para os escassos Likoualas está nos selvagens Bantos... Os Bantos os caçam em redes, como fazem com os macacos. E os comem. Assim: caçam-no em redes e o comem...

A fotografia de Pequena Flor foi publicada no suplemento colorido dos jornais de domingo, onde coube em tamanho natural. Enrolada num pano, com a barriga em estado adiantado.

Uma vez descoberta a pigmeu Pequena Flor, vai sendo devorada e consumida, via mídia, pelo público da cidade, e isso, sem a colaboração dos selvagens bantos. Pequena Flor não é gente, é imagem.

Pequena Flor como imagem não chega a ganhar estatuto de sujeito. Ao longo da narrativa vai se transformando: é pequena flor, é jóia rara, mas também é macaco, é de cor preta, é cachorro, objeto de medo, é brinquedo, objeto de caridade alheia, tem tristeza de bicho, é objeto de discórdia familiar, até chegar a ser escrava. É assim que chega à condição do humano, como representação do desvalorizado, do excluído. - É escrava.

A narrativa então se constrói, como se colocasse diversas cenas em jogo, simultaneamente. A foto da mulher, vai penetrando em vários lares e os seus habitantes, ao olharem o jornal, vão tecendo os mais diversos comentários.

Como num caleidoscópio impressionante, que aproxima texto e leitor, os lugares ocupados por esses personagens, à medida que vão se descortinando aos olhos do leitor, leva-o a refletir e questionar, aproximando texto e leitor .

Assim a imagem de Pequena Flor passa a representar o ponto de tensão no texto, que dispara atitudes e sentimentos não só aos personagens mas também a nós leitores, porque faz surgir o questionamento das condições em que vivemos e nos relacionamos. É uma imagem que ao penetrar nas casas, mostra os jogos de amor e destruição, a que se prestam os discursos no cotidiano, mantendo os sujeitos numa conjuntura alienante. São lugares que disparam diferentes crenças à respeito de quem somos. Marcam diversas posições do que pensamos ter na vida. Indicam, no entanto, um caminho que parece desembocar no mesmo lugar, porque revelam a condição de fragilidade do sujeito na atualidade - a moça casadoira, a senhora solitária, a família generosa, a mãe zelosa; todos se escondem nos seus papéis para evitar o confronto com a sua própria vulnerabilidade, com o seu desamparo. Vários são os exemplos que Lispector narra:

O lugar da negação que preserva a ignorância no não quero saber nada disso:

... uma mulher, ao olhar no jornal aberto o retrato de Pequena Flor, não quis olhar uma segunda vez “ porque me dá aflição”...

O lugar da solidão, que obriga o outro a uma servidão caridosa e perversa:

... uma senhora teve tal perversa ternura pela pequenez da mulher africana que (...) jamais se deveria deixar Pequena Flor sozinha com a ternura da senhora. Quem sabe a que escuridão de amor pode chegar o carinho.

O lugar da desvantagem quando se é pequeno, e a submissão à tirania do amor: .

.. uma menina de cinco anos de idade,(...) ficou espantada.(...) fora até agora o menor dos seres humanos, da casa.

O lugar da ilusão de felicidade na sagração da primavera, pelo matrimônio:

... a moça noiva teve um êxtase de piedade: - Mamãe, olha o retratinho dela, coitadinha! Olhe só como ela é tristonha! – Mas – disse a mãe, dura e derrotada e orgulhosa – mas é tristeza de bicho, não é tristeza humana. O lugar da dor, na verdade crua de como destruímos por amor, lugar que dura instante para depois anestesiá-la na distância e nos afastamentos...

(Uma mãe)...lembrou-se do que uma cozinheira lhe contara do tempo do orfanato. Não tendo boneca com que brincar, e a maternidade já pulsando terrível no coração das orfãs, as meninas sabidas haviam escondido da freira a morte de uma das garotas. Guardaram o cadáver num armário até a freira sair, e brincaram com a menina morta, deram-lhe banhos e comidinhas, puseram-na de castigo somente para depois poder beijá-la, consolando-a. Disso a mãe se lembrou no banheiro.

O lugar da assepsia e possessão como passaporte de educação, felicidade e generosidade:

No coração de cada membro da família nasceu, nostálgico, o desejo de ter para si aquela coisa miúda e indomável, aquela coisa salva de ser comida, aquela fonte permanente de caridade. A alma ávida da família queria devotar-se.

O lugar da dominação e do poder na assunção do meu:

... Imagine só ela servindo a mesa aqui em casa! E de barriguinha grande!

O lugar do pedido de proteção do humano frente ao desamparo e a vulnerabilidade da vida, na ilusão de Deus:

- Deus sabe o que faz.

É uma trajetória antropofágica: amor e destruição vão se mesclando de acordo com as maneiras como fomos aprendendo a nos vermos e a olharmos os outros.

Podemos pensar que uma das saídas desse canibalismo urbano, entretanto, está no cientista, cuja ambigüidade parece nos revelar um novo caminho. O explorador passa a ocupar duas posições: como representante das ciências, do discurso científico que classifica, confere ordem, tem poder; e também como homem que pode se dar conta da possibilidade de amar de forma diferente, como no final do conto. Ao amar e ser amado pela mulher pequena, o explorador se transforma (representado pela mudança de cor), o que lhe confere a possibilidade da reflexão e da dúvida, e lhe permite ocupar novas posições de vida. Analogia que nos faz evocar e questionar a posição das ciências do final do século XX, tendo em vista a análise e

aprofundamento dessas questões do sujeito. Mas se, quem determina o que Pequena Flor pode fazer são os que devoram e consomem sua imagem; lá no seu lugar, alheia a tudo isso, é a menor mulher do mundo, que da sua pequenez, nos fala da possibilidade de nos constituirmos de forma diferente - ela diz que amar é não ser comido. Não ser comido é a garantia básica de vida para ela e, constitui uma excelente metáfora para nós, neste início de século, o XXI.

lizgomez@uol.com.br

NAAP: UM ESPAÇO INSTIGANTE

POR VERA VASSILIEFF

Dentre os espaços oferecidos pelo Departamento Formação em Psicanálise é com satisfação que estamos ocupando um dos mais importantes, o ACTO FALHO. Assim, antes de tudo, quero festejar com os colegas e professores que se dedicaram para que esse primeiro número do jornal dos alunos se tornasse uma realidade em forma de news letter. E quero desejar ardentemente que as palavras aqui publicadas não voltem vazias, mas preches de idéias e ações.

E já com esse intuito, quero compartilhar com os colegas uma experiência que vivenciei no ano passado com o pessoal do NAAP: Núcleo de Atendimento e Assessoria em Psicanálise (NAAP@sedes.org.br). Eu estava no primeiro ano quando me interessei por um aviso dado pela Luciana Solano sobre este espaço NAAP, oferecendo diálogos abertos a todos interessados, gratuitamente, sem exigência de inscrição ou mesmo de participação regular. Naquele ano, felizmente, a minha agenda estava aberta na hora das reuniões, às quartas-feiras, 16:30 h. Então atendi a uma reunião sem saber bem o que esperava e fui recebida pela Maria Beatriz Romano Godoy, que estava desenvolvendo uma série de encontros sobre BION. Ela nos levou para um diálogo instigante com BION em que pudemos perceber inúmeras nuances das suas idéias incríveis. Depois passamos para um diálogo formidável com a Lucianne Sant' Anna de Menezes sobre pânico visto como efeito do desamparo na contemporaneidade. Outros temas foram ainda abordados e, sendo um deles uma notável pesquisa sobre bulimia e anorexia.

Eu estou procurando divulgar esta minha experiência porque percebi surpresa que os meus colegas sabem pouco sobre a contribuição extraordinária que o NAAP pode oferecer para a nossa formação. O NAAP é um espaço onde a Marina Ribeiro, o Lineu Silveira, a Margarida Dupas, entre outros, trazem excelentes palestrantes, pessoas das mais diferentes formações em psicanálise e promovem discussões nas quais somos instigados a participar. Espero que estas palavras possam encontrar terreno fértil e voltem multiplicadas na forma de maior participação dos alunos no NAAP, no ACTO FALHO bem como em tantas outras excelentes oportunidades oferecidas pelo SEDES.

veravassilieff@ajato.com.br

Voto contra o desamparo, social!

POR MARILIA STABILE

O presidente Lula vai se reeleger, é provável que no primeiro turno -, e não será por falta de candidato (s) de oposição. É pelo voto. Legítimo. Legal. E mais que tudo, o eleitor vota fiel ao seu desejo. Ao desejo, contra o desamparo! O presidente - candidato Lula e os eleitores se conhecem desde 1989, quando Lula começou a concorrer à presidência da república. De lá para cá, muita coisa mudou. Luiz Inácio Lula da Silva, virou presidente, há um governo, mas, em especial, mudou o perfil do eleitorado. Só não muda o desamparo, aquele próprio da natureza humana. Mas que no Brasil, se soma ao outro desamparo, o social. Mas é o mesmo, em dupla face só que reforçado, vitaminado. Resultado: de “Lula lá” para “Lula de novo, com a força do povo”. Alguns dados de pesquisa confirmam o par perfeito, sujeito e seus predicados, em particular bailado.

A editora de política e colunista Cristina Fernandes, do jornal Valor Econômico, publicou, no dia 8 de setembro (pg.A5), partes de um levantamento inédito do Ibope sobre o perfil do eleitor do presidente nas últimas cinco disputas nacionais. Com base nos dados, Cristina ressaltou que o eleitorado do presidente “mais que triplicou se comparado a eleição de 1989 com a de hoje”. Começando pela educação formal, em 1989, Lula tinha tão poucos eleitores de baixa escolaridade quanto de nível universitário. Hoje é seis vezes mais fácil encontrar um eleitor de Lula com até quatro anos de estudo do que um que tenha concluído a universidade. Em 1989, o presidente tinha o voto relativamente homogêneo entre os níveis salariais. Hoje, “mais da metade de seus eleitores ganham até dois salários mínimos. Apenas um, em cada dez eleitores, ganha mais que cinco salários mínimos”. Em 1989, mais da metade do eleitorado do presidente estava concentrado no Sul. Hoje, o Sul se alinha com o Norte e o Centro-Oeste do passado ao seguirem a proporcionalidade dos votantes. Os 6% do Sudeste em 1989 viraram os atuais 38% e do Nordeste chegam mais 39%, um avanço importante pois eram só proporcionais. Para Cristina, “a mudança-mãe foi a renda” ao sublinhar a conclusão do Ibope sobre a pesquisa de que nunca houve no Brasil pós-ditadura, um presidente com eleitorado tão maciçamente recrutado entre os mais pobres. Ao ler os textos metapsicológicos acredito que é possível substituir a mãe-renda pelo pai-presidente em função materna e ou em recusa à função paterna.

Para terminar o texto do novo perfil do eleitor do presidente, Cristina dá destaque ainda as informações divulgadas no início do mês pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), ligado ao Ministério do Planejamento. Diz o instituto que a desigualdade de renda familiar por capitã alcançou em 2004 seu menor nível nos últimos 30 anos. Poucos países no mundo foram capazes de tal façanha em tão pouco tempo. A queda ficou concentrada entre 2001 (último ano do governo FHC) e 2004. Segundo o IPEA, se as transferências governamentais, (aposentadorias, Bolsa-Família, e auxílios como o recebido por idosos) não tivessem sido incrementados neste período a queda da redução da desigualdade teria sido um terço inferior à registrada.

As pesquisas do Ibope e IPEA trazem os últimos dados consolidados do eleitor do presidente e da distribuição de renda. no Brasil. Eles dão conta que uma parte do desamparo social foi am-parado. Elas explicam uma parte significativa do perfil do voto nas próximas eleições. Penso, contudo, em uma possível explicação do voto inteiro no presidente Lula. Um voto sustentado em um tripé. Os dados das pesquisas de opinião e da renda seriam uma perna importante do tripé, mas uma das pernas.

Como segunda perna, destaco parte da lógica política, aquela representada pela imagem que a imprensa, em especial, a imprensa escrita, refletiu do programa do Bolsa - Família. Aqui, faço um recorte não somente para não me perder, mas para focar um programa estratégico, no concreto e no simbólico.

A segunda perna, o papel político da mídia impressa, avança e se entrelaça, se confunde, se harmoniza, se separa, hostiliza, agride, e por vezes até “cola” com a terceira perna decisiva: o narcisismo. O narcisismo do protagonista (s) presidente-candidato, do eleitor (s), da imprensa, do grupo (s), da cultura (s), e também de quem escreve este texto.

Entendo o narcisismo como visceral, porque é constitutivo do sujeito contra o desamparo. É, ao mesmo tempo também articulador, porque é operativo nas identificações que o sujeito lançará mão para se relacionar com o Outro que o constitui. O introduz na cultura, mas ao mesmo tempo o ameaça – em não tão pequenas diferenças. Neste momento situo o narcisismo - e as identificações decorrentes como o rosto (s) psíquico do sujeito na cultura, que dela se nutre -, do prazer e do interdito – ao mesmo tempo em que também a forma.

Penso na expressão Bolsa-Família em dupla face. No concreto, como um programa de auxílio à família carente, disseminado primeiramente no semi-árido nordestino, para depois ganhar corpo no restante do Brasil, sobretudo de maior densidade demográfica. No simbólico, penso em Bolsa como útero, urgências da vida satisfeitas, auxílio, maternagem a um único, absoluto, eu. Família, como vínculo libidinal, cola, laço (laçado, entrelaçado), ligação, elo, raiz. Do verbo pertencer, fazer parte, ser parte. Potencialmente um cabo de guerra, como na brincadeira de criança, e de adultos. Mas se é parte, é pertencer a um lado, e por que não admitir a fantasia inconsciente que sem a parte não há o todo, portanto a parte é o todo? Absoluto, único. Tal qual o princípio da Bolsa, do útero.

Bolsa/útero, família/vínculo, é o presidente Lula quem faz a oferenda, em nome do Pai, ao seu povo e declara: “Tem um tipo de gente que trabalha o tempo inteiro contra o Brasil, que fica torcendo para que o governante não faça nada ou erre para justificar seu discurso.” Contra essas pessoas Lula diz ter algo “que eles não esperavam”, que é “especial” e que teria sido dado a ele por Deus: sua “relação direta com o povo” (Folha de S. Paulo, 15 de junho de 2006). Dois dias depois, no dia 17 de junho, na mesma Folha de S. Paulo, o presidente indagou aos partidos de oposição: “Por que tanto ódio, tanta inveja, tanta raiva?”.

O presidente escolheu e fez uso dos mesmos adjetivos, a inveja e o sentimento de injustiça, usados por Freud, no capítulo IX, o “Instinto Gregário”, do texto “Psicologia de grupo e a análise do eu”. Similar aos sentimentos do presidente Lula, Freud explica que a criança reagindo contra o desamparo e relutante em deixar sua posição de “sua excelência o bebê “dá vazão à sua agressividade pelo seu contrário. Desenvolve o sentimento de grupo em nome, primeiramente, do tratamento igual para todos-, pois já que deixou de ser o eleito e reinar único, ninguém mais reinará.

Freud descreveu esse tipo de reação, há quase 100 anos, e sublinhou que não é exclusiva da infância. Permanece observável no comportamento adulto em relação a ídolos e heróis. Escreveu Freud que na impossibilidade de alcançar o objeto de amor, o grupo renuncia a ele, atua unido e rende homenagem ao ídolo ou heróis portadores de seus desejos, suas emoções. A delegação ao ídolo é total, apaixonada, o sujeito vira grupo e se satisfaz. É veículo do desejo do Outro-Pai satisfazendo seu próprio desejo. Na convenção do Partido dos Trabalhadores, que oficializou a candidatura, o escolhido, enviado por Deus-pai, se apresentou como o “pai dos pobres”, enquanto vítima de preconceitos e calúnia (Folha de S. Paulo, 25 de junho).

Quando responde à oposição perguntando “porque tanto ódio, tanta raiva, tanta inveja?”, o presidente-candidato se mostra como o filho desprotegido, é como o povo-, que, no entanto, como disse, é também o “pai dos pobres”, o pobre injustiçado. Mas é pai ou filho? Os dois. É igual. À exceção do cargo, que exerce.

É dupla face como o Bolsa-Família. Mas, repetindo, como Freud ensinou no capítulo VII “Identificações” do texto “Psicologia de grupo e a análise do eu”, não é ao líder que o povo se prende, mas à emoção, por conta de uma libido que “cola”, principalmente, se extremamente contida -, pois aos pobres sequer as exigências para as urgências da vida foram atendidas. E se “Ele” chegou “lá” (“Lula lá”), por que também eu não posso chegar? O Bolsa-Família veio de fato em auxílio ao pobre. Não é lei que não se aplica, é um programa de resultados, como aquele sindicalismo dos anos 70. Fez vínculo. Os dados do IPEA confirmam e o Ibope colheu os bons resultados da pesquisa de opinião. O voto é legal e legítimo.

Ao lado do nome fantasia, (consciente e inconsciente) o Programa Bolsa-Família, é uma Rede (que embala) de Proteção (contra

o desamparo) Social (para humanos que se identificam como grupo). São 11,1 milhão de famílias atendidas. Considerando o núcleo familiar, pode atingir, estatisticamente, cerca de 55 milhões de pessoas só diretamente, sem contar com o efeito indireto multiplicador.

A chamada mídia de expressão nacional, formadora de uma outra opinião que não era o das famílias carentes, mas identificada com um leitor que não é parte desse grupo assistido pelo Bolsa-Família, retratou o programa como assistencialista. Pouco apurou fatos. Divulgou teses. Desde seu embrião, em 2002, o programa Fome Zero, coordenado por José Graziano, teve sua imagem degradada sistematicamente pela mídia nacional. Mês a mês, por todo o governo Lula, o descolamento entre a imprensa nacional e a pesquisa de opinião no quesito aprovação do governo Lula era evidente.

A grande imprensa “batia” e o pobre “aplaudia”, diziam as pesquisas. O vínculo Presidente-povo ficava tão forte que a questão ética passou quase ao largo. O descolamento entre grupos, imprensa no meio e tomando partido aconteceu. O “como se” as denúncias de corrupção contra o próprio povo fossem tática do inimigo “colou”. Não vale o fato, vale a versão do fato. Uma versão do fato vin-cu-la-da à imagem que cada sujeito pode dar conta.

Interessante notar o desvio na curva, por que houve o desvio. A imprensa regional, mais próxima às comunidades que recebiam o auxílio, subjugada ou não pelo poder político local, relatava com maior frequência as naturais ambivalências da aplicação do programa. Dirige o Bolsa-Família, o ministro Patrus Ananias, trabalhador, católico, reverente à família, já foi administrador público eleito, é vinculado à igreja e profundo conhecedor das comunidades civis organizadas em bases. Bases sólidas, pois os comitês locais de gestão do Bolsa-Família estão sustentados no poder executivo federal e regional, mas, sobretudo em representantes da comunidades.

A base do programa é o vínculo, o elo que une, a libido que “cola” e se inibida, até pelas contingências da vida, se esparramou no grupo. A inveja e a injustiça originária e social reverteram em todos são iguais, são amados igualmente, temem a Deus-pai e recebem o Bolsa-Família. Nas regiões auxiliadas pelo programa, a imagem transmitida pela imprensa não descolou das pesquisas de opinião. Não houve surpresa na apuração dos resultados das pesquisas de opinião.

O “narcisismo das pequenas diferenças” é dado da nossa atualidade. Há um grupo atualmente entre 30% a 40% do eleitorado que não se identifica com o presidente Lula, aquele que, segundo a Folha de S.Paulo, teria declarado que Deus teria dado a ele algo “especial”: “falar direto com o povo”. E Lula não está só em sua caminhada para transmitir sua palavra. Privilegia a publicidade e um novo conteúdo.

Seu ex- chefe da Secretaria de Comunicação, Secom, e atual chefe do Núcleo de Assuntos Estratégicos, Luiz Gushiken, ganhou manchete na Folha de S. Paulo, no domingo, dia 25 de junho. Publicou a Folha: “Ao dizer que o caixa dois é uma prática sistemática na política brasileira, Luiz Gushiken, o chefe do Núcleo de Assuntos Estratégicos, afirmou ontem que, no Brasil, “a ética mais importante para um governante é cuidar das camadas mais pobres da população”.

mariliastabile@uol.com.br

Nota de desaparecimento

POR JOSÉ CARLOS GARCIA

Sentado, deitado ou em pé. Frio ou quente; perto ou distante. Manhã, tarde ou noite. O que há de comum em tudo isso? É simples, não passam de invenções da linguagem que inventamos e que afinal nos inventou!

Acostumamo-nos aos nomes, as palavras, como se fossem, de fato, as coisas que designam; puro engodo. Repetir as palavras tem um efeito de uma oração. Acalmamo-nos pela sonoridade familiar das palavras que sustentam a nossa realidade.

Eu posso, eu faço, eu entendo, eu me lembro. Como se houvesse algo além do próprio código que nos permite o conhecimento.

Plutão não é mais um planeta! Caiu para a segunda divisão do campeonato cósmico. Vaga qual desempregado rumo à sarjeta do ostracismo.

Adeus Plutão, adeus infância do meu aprendizado. Adeus eternidade, pois nada és além de palavra e como palavra podes morrer.

Tudo afinal morre, morreu o planeta Plutão, não de um cataclismo qualquer, mas por um ato de vontade dos homens. Mas sendo assim, terá ele, de fato, alguma vez existido?

Para mim, com certeza existiu! Demorei muito para guardar o nome de todos os planetas do nosso sistema solar, criei apego. Aceitaria facilmente integrar novos planetas alçados à nossa visão pela modernidade tecnológica, mas perder um deles me faz um enlutado.

Será que alguém já havia imaginado perder um planeta por decreto, ainda que saído da pena de cientistas? Mas isto não pode ficar assim, as palavras também podem fazer persistir, como memória, aquilo que o tempo, de um jeito ou de outro, nos surrupiou.

Então eu proclamo, vida eterna para Plutão até que minha memória assim permita.

josecgarcia@terra.com.br

Onde estava Deus naqueles dias?

POR JOSÉ CARLOS GARCIA

Alguns de nós, humanos, diríamos: Onde está Deus no dia a dia? Onde está quando sofremos desgraças e humilhações, quando somos afrontados pelo desespero diante de nossa própria incapacidade para convivermos em paz, harmonia e equilíbrio social?

Estes, dentre nós, que assim procedem

crêem que haja algum modo de obter respostas para estas questões e neste caso podemos defini-los como crentes. Relacionam-se com Deus, nem que seja para Dele se queixarem. Também são crentes os ateus, pois crêem fervorosamente que Deus não

existe!

O que dizer sobre a pergunta formulada pelo Papa, estaria ele acusando a Deus de não ter ingerência alguma nos assuntos humanos? Quiçá de descaso ou ainda de sadismo para com a raça humana que estaria à mercê de seus caprichos? Que curiosa posição seria esta para um chefe espiritual de crentes!

Talvez a pergunta mais apropriada tivesse sido: onde estava o Papa durante a Segunda Guerra mundial? Que espécie de cômoda omissão foi praticada diante das atrocidades de Hitler?

Em todo caso, sou movido por uma questão filosófica e não por uma de ordem política. Estou curioso pelo sentido ou sentidos contidos na questão formulada pelo perplexo pontífice. Teria ele constatado o supremo desamparo que desafia nosso destino humano? Haveria ele sido tomado pelo espanto de ver-se esvaziado do acaento protetor da fé?

Seja como for, o que temos observado é que entramos, cada vez mais inexoravelmente, num tempo de humanização daquilo que antes era santidade. Vai a deriva a “Nau dos insensatos”, penetrando o desconcertante vazio de propósitos denunciado pela falta do “Absoluto”.

O Papa humanizou-se, despiu-se dos dogmas e da convicção nos desígnios de Deus, falou com voz de quem sofre e não com a de quem consola. O Papa está nu!

Tornamos sacra a burocracia religiosa e colocamos um paletó na “cadeira de Deus”, simulando sua presença, alusão a um cargo preenchido. E se Deus, de fato, estiver morto, talvez, natimorto? Tudo o que nos restaria seria viver esta vida como se fosse a última.

josecgarcia@terra.com.br

Estamira – realidade ou ficção esta é a questão

POR EDE DE OLIVEIRA SILVA

Se você ainda não assistiu Estamira então vá! Tanto do ponto de vista da plasticidade como seu conteúdo é uma obra de arte, uma obra prima. São duas horas de magia, esplendor e de horror. Não se deve perdê-lo, principalmente no cinema, onde as cenas ganham a amplitude de um mundo que nos estarrece. E que mundo seria esse? É o mundo de Estamira. E como penetramos nele? O Sr. Marcos Prado nos levará pela mão. A cena inicial, num preto e branco envelhecido, já nos revela esse caminho. A câmera adentra no barraco – mundo – mente de Estamira e a partir daí nos é revelado com toda nitidez essa dor. Vai nos contar a história de Estamira, narrada por ela mesma, trágica, brutal, que a levou à loucura. No périplo trilhado por ela, perde o pai aos dois anos de idade, a mãe enlouquece, violentada aos nove, prostituída aos doze, dois casamentos desfeitos e um estupro aos quarenta, foi o suficiente. Foi demais, foi O a mais, que ultrapassou os limites do seu corpo e da sua mente. Estamira “resolveu” abandonar o mundo real e se recolheu em si. O seu mundo desmoronou. Sua fé foi destruída e a sua vida destroçada. Estamira é um zumbi. Estamira sucumbiu. A loucura foi a sua única saída compatível diante de tanto sofrimento.

Estamira fala, fala, mas não responde a nenhuma questão. Ela também não está representando, simplesmente está se apresentando de uma maneira nua e crua diante das câmeras, e em assim sendo, não é passível de interpretação. Ela não nos olha, o seu olhar, sua mirada está voltada para dentro. Ela é uma intérprete perfeita desse mundo interno em ruína. De uma maneira direta e contundente ela fala desse mundo em que mergulhou e lá resolveu ficar. Estamira está vulnerável, num fio de navalha, na beirada do universo são. Não tendo como voltar, ultrapassa-o. Mundo este que nos é revelado de uma maneira tão brutal que nos impacta, tirando-nos o fôlego. Nunca tinha me deparado, no cinema, com a loucura em sua concretude. Já assistimos filmes diversos sobre o estado de loucura como em SPIDER de David Cronenberg, ou INQUILINO de Roman Polanski, mas lá dentro de nós sabemos que o ator está representando o seu papel, e isso nos deixa mais tranqüilos para dizermos a nós mesmos que se trata somente de um sonho, de uma ficção e assim podemos voltar para casa aliviados e colocar nossa cabeça no travesseiro e dormir. Alguém de vocês dormiu após assistir Estamira? Eu não. Ficamos pasmos, pois o filme (documentário) é um mergulho profundo no nosso âmago onde a loucura faz morada. É um olhar crucial no caos que nos espreita de dentro e que busca emergir na vigília, mas que, no entanto, ainda temos força para lançá-lo em direção aos nossos sonhos (pesadelos). Estamira não conseguiu. Desorganizou-se. O seu mundo mental ruiu. “O além do além transborda”, como ela freqüentemente dizia. O transbordamento se deu, pois Estamira viveu sempre neste além do além. Transbordou e invadiu todo o seu ser, como Katrina o fez em New Orleans. O mundo destroçado e virado pelo avesso. Lixo e caos por todo o lado. O mundo virou um lixão e Estamira o encontrou. Identificação perfeita entre o caos interno e o externo. Ambos mundos estão destroçados. Estamira é o lixão fétido e caótico. O mundo revoltado sem fim e sem esperança. Não há restauração possível.

Ah! Estamira que dor! O clamor da sua angústia é expresso no seu ódio e no seu desamparo. Foi um grito no deserto. A sua ira se alastrou sobre a terra.

O horror é expresso com tanta beleza e deslumbramento que nos encanta. Ficamos todo o tempo fixados no lixão – loucura de Estamira. Os raios do sol nascente ou poente ou a tempestade torrencial caindo sobre a face-lixão de Estamira estampa a beleza em sua tragicidade. Ficamos inebriados por tanta beleza. Como agüentariamos o peso dessa tragédia se não fosse através da genialidade do seu diretor que teve o mérito de retratar com beleza ímpar o horror, a desintegração e a catástrofe que desabou sobre Estamira?. O lixão como Deus ex-máquina a contém, protege-a e a acolhe. É a sua morada definitiva. O lugar onde os urubus po-voam. O que seria dela se não o encontrasse? Onde estaria Estamira? Alguém sabe a resposta?

160783@uol.com.br

BROKEBACK MOUNTAIN, A MONTANHA-PARAÍSO

POR ESIO DOS REIS FILHO

Um dia destes, uma pessoa conhecida comentou comigo que tinha ido ver o filme “Brokeback Mountain” com certa apreensão, pois temia que o filme, cantado em prosa e verso como tão bonito (oito indicações para o Oscar), lhe despertasse sentimentos predominantes de repugnância, de nojo. Afinal, era o filme dos cowboys gays! Trata-se de uma pessoa perfeitamente inserida no mundo atual, professora universitária, casada, duas filhas adultas jovens, e bafejada, como todos nós, por certo grau de homofobia que paira no ar em nossa sociedade. Refiro-me àquelas situações corriqueiras com as quais nos deparamos tantas vezes: “meu Deus, ele é bicha...”, “olha a cabeleira do Zezé, será que ele é...”, “aquele viado filho da puta”, etc., etc. Tais

reações fóbicas não se restringem à homossexualidade, mas também a outras manifestações da sexualidade colocadas no rol das perversões, por ex., voyerismo, exibicionismo, fetichismo, etc, algumas repelidas com mais condescendência, outras com muita severidade, como a pedofilia.

Pois é, aquela tal pessoa completou seu comentário dizendo: fiquei muito surpresa, realmente o filme é lindo, tratando-se apenas da história de um grande amor entre duas pessoas, que poderiam ser dois homens, duas mulheres ou um homem e uma mulher. O aspecto homossexual é secundário, perdendo relevância frente à intensidade daquela paixão.

Esse episódio me levou a tentar compreender melhor de que trata o filme, usando o instrumental conceitual psicanalítico.

O filme consegue, sem que estejamos muito conscientes disso, debater com extrema sensibilidade, clareza e honestidade, uma das questões básicas das vicissitudes da nossa constituição como sujeitos pertencentes a uma cultura e do preço que devemos pagar por esse pertencimento. A moeda utilizada nessa transação é a abdicção da satisfação de alguns dos impulsos que trazemos conosco ao nascer e que seriam disruptivos para a organização da sociedade, se não forem devidamente controlados, abafados, reprimidos, recalcados. Se atentarmos para as formas como as crianças buscam prazer na primeira infância, veremos que, desde o começo, essa busca é desregrada e caótica: o menininho “brinca de médico” com o priminho e a priminha e todos gostam muito disso; tomam banho juntos, sem roupas; apostam quem faz xixi mais longe; adoram sacanagens com seus pipis e com o dos outros; etc, etc. À medida que a criança vai crescendo, ela vai sendo coagida, desde o mundo externo (censuras, castigos, etc.), ou desde seu mundo interno (culpas, inibições, etc.) a ir abandonando os prazeres considerados “inconvenientes” pelo seu meio social. Enfim, vai tendo que reprimir os aspectos da sexualidade infantil que poderiam ser vistos como perversos se persistirem nos adultos, para ir sendo aceita e encontrando seu lugar no mundo.

Penso que o eixo básico do filme gira em torno dessa questão: como esse processo de constituição do “eu” se deu com dois sujeitos, o Ennis Del Mar e o Jack Twist, numa sociedade na qual o sentimento generalizado de homofobia era muito intenso (o meio-oeste americano) e de que maneira tal constituição veio a determinar as suas escolhas amorosas.

O pai do Ennis, quando este era um menino, fez questão de levá-lo para ver o que tinha ocorrido com um sujeito do local que tinha se permitido prazeres homossexuais: fora arrastado pelo pênis, até este ser arrancado e ele ser morto. Uma experiência brutal como essa, para uma criança, tem dois efeitos contraditórios: de um lado, infunde um horror aos impulsos homossexuais, fortalecendo a repressão dos mesmos; de outro, frisa, sublinha, dá muita significância a esses impulsos, dificultando a repressão. Esse pai morre e o Ennis adolescente passa a ser cuidado pelos irmãos, estes talvez com menor furor repressor e menor horror à homossexualidade. Assim, ajudado por esses irmãos provavelmente de uma forma mais “suficientemente boa” que por aquele pai brutal, o Ennis, ao se tornar adulto, consegue uma razoável repressão de seus impulsos homossexuais, namora com a Alma, elegendo-a como seu objeto heterossexual e pretendendo casar-se com ela. Alguns meses antes do casamento, ele encontra trabalho como pastor de ovelhas em Brokeback Mountain, um lugar deslumbrante e paradisíaco.

As informações sobre a história de Jack nos chegam mais no final do filme. Ele era filho único de uma família extremamente rígida e conservadora (“eles morrerão lá”), na qual imperava um pai duro e árido de sentimentos, que cospe quando se refere a aspectos homossexuais do filho. “Ele nunca me ensinou nada, nunca me deu nada”, isto é, esse pai não tinha condições psíquicas de se oferecer como modelo identificatório para esse filho. Sua mãe era o pólo amoroso da relação, capaz de sentimentos, porém subjugada e tolhida por esse pai gélido. Talvez para o Jack tenha sido mais tumultuada e menos eficaz a repressão dos seus aspectos homossexuais (ele não teve a mesma “sorte” do Ennis, que perdeu o pai). Seus impulsos homossexuais permaneceram mais à flor da pele, juntamente com uma maior identificação com a capacidade da mãe de expressar amor.

Penso que tais antecedentes eram responsáveis por arranjos mentais razoavelmente diferentes entre o Ennis e o Jack, no que diz respeito às vias pelas quais cada um deles poderia dar vazão aos seus impulsos amorosos.

Para o Ennis, a via homossexual estava lá, mas obscurecida, minimizada, e a via heterossexual chegou a se constituir de uma forma mais consistente. Ele estava certo de conseguir estruturar uma vida com mulher e filhos (“vou me casar com a Alma”), adaptado, enquadrado nos “tem ques” do seu meio social (não podemos matar uma ovelha para comer, estamos aqui para cuidar delas, não para matá-las, eu fico com os feijões mesmo). Esse enquadramento talvez até o ajudasse a completar a repressão dos remanescentes impulsos homossexuais, protegendo-o, assim, do terrível fantasma da morte por arrancamento do pênis, ou algo equivalente.

Já com o Jack, o arranjo mental era diferente. A via homossexual parece ter permanecido bastante significativa para ele e a heterossexual, muito fragilmente estruturada. Ele não foi até a Lureen; ela teve que vir até ele e dizer: “o que espera, cowboy, um convite para acasalamento?” Ela o forçou a usar a frágil via heterossexual e ele se deixou levar por ela, talvez aguardando que dessa forma a via homossexual fosse se fragilizando e ele viesse a se adequar à cobrança do seu meio familiar e social.

Então, com esses arranjos mentais acima descritos, o Ennis e o Jack se vêem, por conta do trabalho de pastores de ovelhas, juntos, isolados do mundo, afastados da sociedade que tenta enquadrá-los, vivendo durante meses num local isolado, a Brokeback Mountain, onde reinava a sensação de total independência do mundo: “se as provisões se perderam, a gente mata um alce e nossas necessidades serão supridas por nós mesmos. Faremos de acordo com nossos desejos e assim eles serão satisfeitos”. É a própria imagem do Jardim do Éden, onde “nada me faltará”. Os dois homens, atraentes e agradáveis um para o outro, vão partilhando de uma intimidade física cada vez maior e de uma proximidade emocional progressiva. Os impulsos amorosos entre os dois vão se incrementando até que o Jack, cuja via homossexual era mais acessível que a do Ennis, força este último a abraçá-lo. Seria como se ele dissesse: “aqui não temos que nos submeter a nada, deixe de se apegar à via heterossexual como única possibilidade de descarga dos impulsos amorosos; pode usar a via homossexual; eu já a estou usando; eu posso amá-lo e você pode me amar”. O Ennis se desorienta por alguns instantes, titubeia, mas acaba aceitando o convite do Jack. Consuma-se então a primeira relação sexual-amorosa entre os dois homens. A partir daí, os dois se entregam à vivência desse apaixonamento de forma totalmente livre. Brokeback Mountain assume, então, a conotação de um pequeno paraíso, isolado do mundo, onde os desejos originários, não submetidos à repressão, podem vir à luz e possibilitar um gozo sem restrições. Como eles estão fora do mundo, não têm que pagar o preço em sacrifício de prazer para que possam ser aceitos por esse mundo. Eles estão então, “alienados” e mergulhados num gozo sem limites, próprio da “alienação”.

Entretanto, chega o tempo de voltar. As ovelhas devem ser trazidas de volta e eles devem descer da montanha e entrar novamente no mundo, com todos os seus “tem ques”. No último momento desse retorno, eles se agridem para que possam se separar e cada um segue seu caminho.

Ennis reativa sua via heterossexual de obtenção de prazer, temporariamente suspensa, casa-se com Alma, tem duas filhas e uma vida razoavelmente adaptada ao meio social, com alguns prazeres e muitos dissabores e dificuldades próprios de uma vida comum. Atinge aquele estado de “infelicidade normal”, que é, talvez, o melhor a que podemos chegar neste “vale de lágrimas”... Jack se deixa ser seduzido por Lureen, filha de um rico empresário, passa a viver economicamente bem, tem um filho e suporta, com um gosto amargo na boca, o casamento com a linda e rica donzela casadoira, de cujo pacote faz parte um sogro insuportável.

Esse estado de coisas permanece assim por 4 anos.

Coerentemente com sua estrutura mental menos adaptada, Jack é o primeiro a romper com esse incolor, inodoro e insípido arranjo emocional, que só poderia ser sentido dessa forma desde a comparação com as vivências intensas e fantásticas que tinha tido no “paraíso”. Escreve para o Ennis, dizendo que vai visitá-lo. Esperando tal encontro, Ennis entra num grande tumulto mental. Ele se vê, subitamente, subjugado pelas lembranças daquelas vivências de amor e pela possibilidade de revivê-las. O reencontro dos dois se converte numa ânsia amorosa devoradora, deixando-os totalmente subjugados pela explosão da via homossexual, represada durante tantos anos. Passado o inicial “furor de gozo” daquele momento de reencontro, eles se dão conta de que tudo aquilo não poderia ser vivido dentro do mundo real, mas apenas no “paraíso”, onde estão suspensas as repressões cobradas pela sociedade. Decidem, então, largar tudo para viver alguns dias de “pescaria” em Brokeback Mountain. A partir daí, pelos próximos 15 anos, eles se encontram periodicamente, deixam o mundo real e se refugiam por algum tempo no isolamento da montanha, onde podem viver intensamente a sua paixão. Durante todo esse tempo, Jack tenta convencer Ennis a construir uma vida juntos, descendo do “paraíso” e aterrorizando no mundo real, onde cuidariam de uma pequena granja e seriam felizes para todo o sempre. Isto é, por estar menos subjugado às leis do mundo, à repressão, ele acredita ser possível viver a ligação amorosa-sexual proibida, à revelia dessas leis. Ennis, no entanto, mais sujeito às repressões, tendo tais leis mais consistentemente internalizadas, recusa sempre essas propostas, magoando muito o Jack (“tenho que ficar com minhas filhas neste fim de semana”). Jack, aparentemente, não se deu conta da relação entre a paixão proibida e a montanha-paraíso, não entendeu quando Ennis disse: “o que tivemos acaba aqui”. Talvez nem o Ennis tenha entendido, mas apenas seguido os imperativos das leis culturais internalizadas em seu “eu”. Tal frase foi dita pelo Ennis em referência apenas à primeira relação deles, no entanto parece que o sentido dela era muito maior, abrangendo toda a vida amorosa dos dois.

Ao cabo de 20 anos de história desse amor, Jack desiste de tentar convencer o Ennis e se junta a outro companheiro, realizando então, com ele, seu desejo de viver com outro homem e dedicando-se a revitalizar o velho rancho onde vivem seu pai e sua mãe. A via homossexual de possibilidade de vínculo amoroso triunfou em Jack e relegou a via heterossexual a um plano quase insignificante. O caminho do Ennis foi diferente. Preservou a relação amorosa com Jack engavetada em sua mente, tentou uma nova relação heterossexual com uma garçonete, que não progrediu, deu certa atenção às filhas, agora adultas, e permaneceu divorciado, sozinho, meio perdido, sem rumo e sem um projeto de vida que lhe permitisse ter, minimamente, uma expectativa futura de felicidade.

A essa altura dos acontecimentos, estando nessa lamentável situação de vida, Ennis escreve ao Jack, após meses de resistência, tentando marcar novo encontro para novembro na montanha-paraíso e descobre, horrorizado, que ele havia morrido. Quando fala com a mulher de Jack para saber o que ocorreu e esta lhe relata o “acidente” no qual ele perdeu a vida, imediatamente Ennis se dá conta de que ele tinha sido assassinado pela sua homossexualidade, como aquele assassinato horrível mostrado por seu pai na sua infância.

Jack desafiou o mundo. Tentou viver no mundo real os prazeres aos quais todos os outros haviam renunciado, à custa de muita elaboração mental, para terem o direito de estar ali, como cidadãos aceitos, valorizados, admirados pela sua hombridade e capacidade de renúncia aos prazeres. Não importa se, como os pais do Jack, vivessem numa situação de profunda infelicidade. Despertou a fúria invejosa dos que o rodeavam e foi por eles assassinado. Dessa forma, deixou de incomodá-los. O filme é ambientado em 1963. Entretanto, acredito que seu tema seja absolutamente atual. Tal questão não está resolvida no mundo de hoje. Poucos anos atrás, na Praça da República, em plena capital de S. Paulo, um homossexual foi espancado por “skin-heads” até a morte por estar de mãos dadas com seu companheiro.

esiores@terra.com.br

“Onde estão as pessoas?”

POR TELÊNIA MARIA DE SENNA HILL

Curiosamente, sempre que pensava em sentar para escrever este texto, me vinha esta pergunta. “Mas, Telênia Maria, você vai começar já expondo o seu narcisismo machucado?” Apesar dessa voz de bom senso, a pergunta insistia. Fui me dando conta, que a pergunta insistente poderia conduzir a reflexões mais interessantes. Onde estavam os alunos do departamento, e os professores, onde estavam? Estes se contavam nos dedos, alunos, alguns gatos pingados, caras, em sua maioria, conhecidas.

Estamos em um curso de formação. Imagino que haja interesse e empenho em formar profissionais de qualidade. Por parte dos alunos, gostaria que se ampliasse a convicção de que só nos dispendo a ocupar o lugar de profissionais, expondo nossa produção, nos arriscando a partilhar não só os acertos mas, também, os possíveis erros, estaremos fazendo a parte que nos cabe nesta formação de qualidade que, creio, todos desejamos. Ficam outras perguntas: por que tendemos a só prestigiar psicanalistas mais experientes, pessoas famosas, eventos de monta? Por que o menor interesse pelos colegas que iniciam o seu percurso?

O primeiro impacto de não contar com uma audiência mais robusta foi substituído pelo envolvimento entusiasmado numa atividade importante para quem dá seus primeiros passos como psicanalista. Foi um grande prazer poder expor o meu trabalho, e foi muito gratificante poder discuti-lo com colegas e professores. Testar os meus palpites, ouvir novas idéias, refletir junto, chegar a novas conclusões. Esse debate contribui imensamente com o nosso amadurecimento não só como profissionais, mas como sujeitos em relação com seus pares, no que nos exercitamos na escuta atenta, no respeito à opinião alheia, na humildade de nos abrimos a críticas, no interesse quanto ao enriquecimento de todos envolvidos no diálogo. Recomendo a todos os colegas da formação em psicanálise que se disponham a debater a sua clínica, que aproveitem esse espaço que o curso nos oferece.

No debate de maio de 2006, apresentei o caso de Amália, uma mulher que atendi durante o ano de 2004, quando trabalhava num posto de saúde de periferia, como psicóloga do município do Rio de Janeiro. Tive como debatedor o Professor Ede de Oliveira, a quem agradeço pela oportunidade de estabelecer um diálogo fraterno e profícuo. Oportunidade de colocar-me não apenas como aluna, mas como colega mais jovem na profissão que podem contar com alguém mais experiente.

Amália sofria de fortíssimas dores de cabeça que a deixavam de cama, algumas vezes, com febre. Nesses momentos, não conseguia andar, nem falar, sentindo dormência em todo o corpo. A pressão subia. Era acometida, também, de muito desânimo. Era hipertensa, obesa, o que a desagradava muito, e apresentava um distúrbio alimentar: quando angustiada, não conseguia parar de comer. Tinha a consciência de que comia por ansiedade. Ela reclamava muito de nervoso e descontrolava-se com facilidade. Outra de suas reclamações freqüentes era sobre uma imensa sensação de perda que a acompanhava, e que se tornava crítica em momentos como após a maioria de seus sonhos, nos quais se via sempre sozinha em momentos difíceis, ou quando temia pelo bem-estar de suas filhas. Dizia engolir o que a incomodava, e achava que suas crises de cefaléia eram resultado deste acúmulo. Tentou suicidar-se por duas vezes, tomando vários comprimidos de um medicamento. A primeira vez, foi aos dez anos, a segunda tentativa, mais séria, aos 14, quando precisou ser internada para uma lavagem estomacal, tendo uma forte sensação que não daria tempo de a salvarem. Sem me dar maiores detalhes, disse que agira assim, em ambas as ocasiões, por se sentir muito só.

Essa sensação de que não daria tempo de fazer algo muito importante surgiu outras vezes, e acabou, de certa forma, marcando

nosso trabalho. Vou me ater ao material de alguns de seus sonhos para fazer um breve comentário sobre o caso apresentado no debate clínico.

Amália foi criada pela mãe e pelo padrasto. Teve pouca convivência com seu pai, que era alcoólatra e passava longos períodos internados em um hospital psiquiátrico. Ela era a caçula de 4 irmãs, filhas de pais diferentes. Até os 10 anos, conviveu com uma mãe agressiva, que lhe dizia que o pai era um estorvo, que deveria tê-la abortado, e com um padrasto que ameaçava estuprar todas as irmãs com frequência. Diante de um ultimato desse homem, que a coagia com um facão, e diante da indiferença da mãe que ouvira a ameaça, todas as irmãs resolveram fugir de casa. Amália pegou seus pertences e foi para a estação de trem mais próxima, sem saber o que fazer, para onde ir. Passou a viver como menina de rua, convivendo com a prostituição, o tráfico de drogas e demais vicissitudes dessa situação de desamparo. Aos quinze anos, aceitou a oportunidade que lhe foi dada por uma família evangélica para que mudasse de vida. Viveu a ambigüidade de experimentar uma vida estável, apesar de incomodada pela sensação de estar presa e sufocada. Aos dezessete anos, resolveu assumir sua vida. Foi trabalhar numa padaria e morar com uma amiga. Teve duas filhas, uma aos dezessete e outra aos 21 anos, crianças que pariu e criou sozinha. Referiu sua dor de cabeça desde então, sentindo-se sem estrutura para cuidar das filhas.

Da metade do tempo que durou o tratamento em diante, Amália relatou “sonhos” que se repetiam e que muito a angustiavam. Levantava dormindo e dirigia-se à porta querendo abri-la como se estivesse atrasada para fazer alguma coisa. Tinha uma sensação de que “não vai dar tempo...”, e, às vezes, corria pelo quarto gritando: “Ai, ai, ai...” Em suas associações, ela lembrou-se de quando fugia de seu padrasto, na infância, e de uma outra tentativa de estupro que sofrera quando vivia na rua. Em outro momento, dizendo sentir-se numa rua escura, ocorreram-lhe as duas tentativas de suicídio por que passara. Considerei tais eventos não como sonhos de angústia, que apontariam para a realização de um desejo, mas como sonhos traumáticos, julgando adequado pensar no conceito de compulsão à repetição, já que Amália parecia repetir situações traumáticas de sua infância e adolescência, revivendo o desamparo de ameaças e da invasão de excitações que excediam sua capacidade de dominá-las e elaborá-las.

Nas conversas com Ede e ao longo do debate, foi-se configurando uma paciente cujo psiquismo funcionava como em curto-circuito, com repetições brutas, somatizações abundantes, e passagens ao ato. Não que fosse incapaz de fazer ligações, ou de simbolizar, mas estes eram processos que se davam com dificuldade, enfrentando os obstáculos que se colocam para um eu fragilizado. A pobreza, um pai fraco, um padrasto perverso e uma mãe violenta e complacente, ofereceram o ambiente para a gestação desse psiquismo, que permaneceu vulnerável às pressões externas e internas. Não estávamos diante de uma psicose, mas, provavelmente, diante de uma grave neurose. Seria uma neurose narcísica, uma neurose de angústia com somatizações importantes? Não nos detivemos nas filigranas diagnósticas. Ede pensou na clínica dos transtornos, afecções que, pela pobreza de simbolização, não chegam a se constituir como sintomas, propriamente, tipos de caso que se avolumam nos dias que correm.

Amália pôde tirar muito proveito de seu tratamento psicanalítico. Estabeleceu fortes vínculos transferenciais, experimentando a melhora de muitos de seus sintomas e de seus vínculos sociais e afetivos.

No entanto, os “sonhos” de Amália se configuraram, para mim, não só como expressões de eventos traumáticos, mas, também, como sonhos evocados pelo processo analítico. Certamente, referiam-se a sua infância, mas não expressariam um receio em relação à continuação de sua terapia? Ela relatara-me que fora difícil encontrar um terapeuta com que se sentisse mais à vontade. A sensação sempre presente de que não haveria tempo suficiente não estaria antecipando o que viria a ocorrer uns seis meses depois? Aconteceu de eu casar após um ano de trabalho, tendo que me mudar para Campinas, cidade onde residia meu marido. Após terem diminuído, quase chegando a desaparecer com a continuação do trabalho analítico, os “sonhos” de Amália retornaram tão logo eu lhe comuniquei o término de nossos encontros, pelas razões que se impuseram, o que fiz em

outubro de 2004. Outros sintomas como a dor de cabeça, o desânimo, e as brigas com familiares reapareceram. Passou a faltar às sessões, apesar das contínuas remarcações.

Na última vez em que a vi, ela chegou depois da hora de nossa sessão, toda bonita, dizendo que o cabeleireiro não a liberara a tempo. Preparava-se para uma festa familiar. “Eu achei que você ia me matar...”, comentou. O que fazia ela com sua raiva e dor? Parecia ter perdido a instável segurança para a qual a transferência, na situação terapêutica, fora suporte. Voltava a engolir, mais do que expressar, e parecia agredir-se por não conseguir falar de sua raiva a mim dirigida. Pensei que Amália estaria me poupando de sua destrutividade. Não vendo saída, sentindo-se abandonada uma vez mais na vida, apesar de nos termos detido sobre esta questão, voltava sua destrutividade contra si mesma com intensidade, como era seu costume, no início do tratamento.

Com certeza, o tempo que permanecemos juntas não foi suficiente para ela poder elaborar suas questões mais importantes. Lamentei, imensamente, meu afastamento, não só de Amália, como de outros pacientes, torcendo para que pudessem encontrar, nas indicações que lhes fiz, apoio e suporte para dar seguimento ao empenho de cura que, com coragem, eles haviam se disposto a abraçar.

telmshill@yahoo.com.br

Uma experiência pessoal, um espaço e um exercício

POR MÔNICA SALGADO

Ao pensarmos nos componentes da formação analítica, logo nos vem à mente o famoso tripé: análise, corpo teórico e supervisão. Se pensarmos na supervisão como um espaço ampliado de investigação e de apreensão do fenômeno clínico, como poderíamos pensar o Debate Clínico como mais um espaço e mais um componente importante para a nossa formação?

Penso que ainda não tenho uma resposta pronta, mas proponho refletirmos juntos. Assim como a supervisão, o seminário clínico não é uma sessão de análise, ainda que ambos se baseiem na escuta analítica. Dessa forma, podemos dizer que o seminário clínico é um espaço aberto onde, através da escuta analítica, é possível experienciar novas possibilidades, das quais me ocorre agora: uma investigação mais ampla das transformações do vínculo transferencial paciente-analista e consequentemente, a construção de novas compreensões e hipóteses.

Mas algo ainda mais novo se revela nesse espaço: nas intersubjetividades das relações criadas (comentador, analista, participantes do seminário) geram-se metáforas e analogias, surgem novos modelos e construções que possam dar conta da experiência apresentada. E é aí que podemos ver esse espaço como um “a mais” para a ampliação do entendimento e do desenvolvimento da função analítica da personalidade. E, nesse sentido, penso que todos que participam são atingidos.

E é aí e aqui que gostaria de deixar com vocês o meu testemunho pessoal como encorajamento e estímulo. Também gostaria de compartilhar o acolhimento, o estímulo e o respeito da Maria Teresa, a participação instigante da Ligia e do Ede e a colaboração dos colegas presentes que só fizeram crescer e aprofundar as minhas possibilidades de pensar, de investigar e

de transformar não somente o atendimento clínico como o meu próprio ser pessoal e analítico. Sei que muito ainda pode ser pensado e acrescentado... fica aí o espaço aberto.

monicasalgado@terra.com.br